



“O leitor”:  
um elemento  
também narrativo



Katiucia Barbosa da Silva



**RESUMO**

O leitor é também um elemento narrativo, ele está inserido nas entrelinhas do texto. Ser leitor é preencher os vazios que se deparam durante a leitura de um texto, interagir com ele, presentificar seu conhecimento prévio e referencial.



**ABSTRACT**

The reader is also a narrative element, it's inserted in the lines of the text. Being a reader is to fill the gaps which get separated during the reading of the text, interacting with it, bringing forth previous and referential knowledge.



## **PALAVRAS-CHAVE**

Leitor - recepção- interação -  
presentificação - ação



## **KEY WORDS**

Reader - reception - interactive -  
present -action

Este trabalho objetiva mostrar que existe mais um elemento na narrativa, que além de narrador, tempo, espaço e personagem, existe o Leitor.

O Leitor é um elemento que está implícito na obra, pois é o Leitor que a seleciona, que é o que direciona e antecede o texto.

Apesar desse assunto não ser inovador, no sentido de que é um tema que vem sendo abordado desde a década de 70 por alguns críticos, dentre eles Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser (referencial teórico deste trabalho), acreditamos que o Leitor é sempre inovador.

Observamos que o Leitor trata sempre do novo, do atual e do intermediário, são três elementos que caminham juntos e produzem efeitos tanto no texto quanto no Leitor. O Leitor sempre trata do novo porque lê-lo o implica estar sempre com um novo “Eu”, aberto a novas sensações, a novos estados e a novas posições.

O que será que faz um sujeito, ao ler *O crime do Padre Amaro*,



“torcer” ora para Amaro ora para Amélia e ao final ter “raiva” dos dois? O que faz um sujeito começar a ler um livro, durante um roteiro imenso de trabalho só pensar nos últimos capítulos e contar horas após horas para chegar em casa e terminar de ler? O que faz o Leitor de *A hora da Estrela* ler e sentir “algo” sem explicação, “algo” estranho que não se sabe dizer o que é? Ou, ler “*Campo Geral*”, de João Guimarães Rosa, e sentir a naturalidade tão próxima e na morte do Dito ter uma sensação de morte, mas uma morte no ‘eu’, e de repente “desabar em prantos”?

São inúmeras as questões e testemunhos que podem ser levantados por meio da leitura. A Literatura tem o poder de fazer tudo isso, fazer chorar, sorrir, se alegrar e até se “estressar”.

Todos esses sentimentos que ocorrem durante a leitura, devem-se a dois motivos; o primeiro é que o Leitor está aberto e envolvido com a leitura de tal forma que sempre está sujeito às mudanças e ao tê-las, sempre estará inovando e inovado. O outro motivo é que a Literatura é viva e essa vida ocorre antes da obra, porque é o Leitor o antecessor, o motivador dela, a partir do Leitor elaborar-se o enredo com seus outros elementos (tempo, espaço, personagem e narrador) que servem de complemento para a composição da obra.

Não pode se esquecer que o que faz *el arte ES su belleza*, como diz Hegel, a arte é arte porque ela nasce antes de nascer, ela nasce com o espírito da natureza.

Podemos pensar que o espírito da obra literária está todo concentrado no espírito do Leitor, na abertura e na inovação a que ele se submete, ele enquanto ativo está extremamente conectado às entrelinhas da obra.

O outro elemento que ocorre na obra é a atualização do Leitor, de repente ele se atualiza constantemente em uma obra e invoca a todo o instante. O Leitor invoca *Shakespeare*, *Machado de Assis*, *Luiz Vaz de Camões*, *Clarice Lispector*. Ao invocá-los ele atualiza grandes obras, dando-lhes vida nos tempos atuais.

A atualização ocorre também quando há uma inovação, uma presentificação de algo que estava “dormindo” e fora despertado.

Não sabemos até que ponto é possível afirmar isso, mas se a arte literária tem vida (porque os Leitores lhe ofertam esse direito), então ela “dorme” até o momento em que se lê é “despertado”, porém o livro é a concretização do acontecimento “recalcado”, e trazido à consciência do Leitor na medida que este o lê.

Segundo Carl Gustav Jung, todo ser humano tem recalcado em si momentos do passado e quando deseja, invoca e presentifica o almejado. Observamos a possibilidade do texto tornar-se um recalque vivo e ao lê-lo, o Leitor, “inconscientemente” (por não saber a história), a cada instante que lê, o traz à consciência, assim atualiza-o e lida gradativamente com a história e sensações.

Observamos o texto e o Leitor como um tear, que vai tecendo leituras e construindo um manto, cujo charme se constrói em cada ponto, em cada curva e em cada atualização que se tece.

Por fim, contamos com o intermédio, e na verdade não é por último que isso ocorre, e sim ao mesmo tempo, pois ao Leitor ler o texto, ambos estão na ativa, estão sempre no intermediário, ou seja “nem lá” “nem cá” e sim no “entre”, ou melhor, no intermédio.

Chamamos de intermédio o que para Wolfgang Iser é a *interação*. Conforme Iser: “A leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o Leitor. Esta influência recíproca é descrita como Interação” (p. 99). A interação ocorre a partir do momento em que se inicia a leitura, no decorrer dela obtem-se a inovação e a atualização. Tudo isso ocorre exatamente por existir interação entre texto e Leitor.

Devido a Interação<sup>1</sup> ser definida como uma palavra que expressa uma relação entre uma coisa e outra, pode-se dizer que Iser estava correto ao aplicar este termo ao Leitor, pois este age no interior do texto.

O papel do Leitor aparece não explicitamente como narrador, personagem, tempo e espaço, porém é um elemento que não pode se afirmar ter mais importância que os demais, e sim aferido igual valor. Muitas vezes o Leitor não recebe o valor, o enfoque

---

1 Segundo o dicionário Globo: Interação, s.f. Ação recíproca; (fil.) teoria cartesiana da relação entre alma e Corpo.

que merecia ter.

O Leitor além de anteceder-se à obra; a atualiza e atualiza-se, inova e inova-se. Ele, portanto, também cumpre seu papel na forma de diálogo implícito nos momentos de interação.

Podemos nos perguntar como o Leitor faz um diálogo implícito?

A título de exemplificação, de como ocorre o diálogo como Leitor, selecionamos um trecho do livro *Lucíola*, de José de Alencar.

*“Lúcia não proferia uma palavra desde a minha chegada. Muda e submissa obedecera ao meu olhar; quando a toquei, teve uma comoção violenta, verdadeiro choque elétrico. Fugia espavorida; mas voltou logo; e caminhando para mim, entregou-se com um cínico desgarramento”. (Lucíola, p. 99)*

O diálogo do Leitor ocorre no entendimento não explicado no trecho, o Leitor com suas sensações tenta solucionar antes de saber o que evidentemente o narrador quer dizer, então o Leitor, por meio de sua tentativa de preenchimento das lacunas, levanta hipóteses que podem ser ou não corretas.

Então, surgem arguições como estas: O que será que Lúcia tinha? Já sei! A Lúcia estava constrangida e quando viu que estava quase cedendo para o Paulo de repente ela tentou fugir e por não conseguir, por estar encantada, então voltou.

Outras hipóteses que são possíveis: O que Lúcia tem? Será que tem outro? Será que é a última vez que vão ficar juntos ou será que ela está doente?

Ao surgir estas incógnitas o Leitor vai preenchendo os “vazios” que ocorrem exatamente pelo “estranhamento” que é causado no Leitor, pois esses “vazios” vão sendo respondidos ao longo da narrativa, observemos a título de ilustração:

- O que bebeste tu, Lúcia? Perguntei-lhe inquieto.

- Sofro do estômago, bebi um gole de Kirsch, respondeu

com a voz trôpega.

Observe que antes do diálogo entre os personagens, o Leitor teve sua impressão e na tentativa do preenchimento de “vazios”, levantou hipóteses que por sinal as mesmas podem ser ou não corretas (na literatura cada um tem sua interpretação, nada é exato).

Abordamos a inovação, a atualização, a interação e o diálogo implícito que leva o Leitor a criar suposições para preencher as lacunas, porém, não podemos deixar de pensar que o que contribui com tudo isso é a linguagem.

De acordo com Roland Barthes, a língua é o poder, ela que instaurou a humanidade, é ela a legislação, ou seja, o código humano e o homem estão sempre submissos a ela. Muitas vezes, não se percebe o quanto se dá a submissão, “esquecemos que toda a língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva: *ordo* quer dizer ao mesmo tempo, repartição e combinação”. (1977, p. 12)

Ora, se é língua a instauradora e legislativa, então a mesma está em todo tipo de comunicação, inclusive na Literatura. A Literatura é o código que trata de seres “reais”, ela comunica, envolve e desperta no Leitor, percepções.

A contribuição de Roland Barthes é nos mostrar que o Leitor, a linguagem e o texto, caminham juntos e interagem ao mesmo tempo. Ora se todo signo tem o poder de invocar, então automaticamente ele invoca não só o texto, mas também invoca o Leitor e o direciona para uma interação.

Completando o pensamento de Barthes, constatamos que a interação entre texto e Leitor, como diz Iser, acontece exatamente porque é o signo vivo, e, portanto, o Leitor tem uma aproximação por tratar de elementos “empíricos”, “miméticos”, sendo assim tem-se a idéia de “real” e de uma maior identificação do “real” do Leitor com o “real” da obra.

Segundo Regina Zilberman “a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca (...). Nesta medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda que de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade

de leitura que assegura a primazia de um sujeito, e da capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia” (1991, p.17).

Podemos, então, levantar a hipótese de que o Leitor está a todo instante em contato com um movimento circular entre o texto e ele próprio. Vale pensar que o homem antes de ler um livro já tem um conhecimento prévio, um histórico de vida, um repertório e ao ler reconhece a sua identidade mítica, o signo.

Zilberman afirma ainda que “o mito, manifestação mais importante e duradoura da cultura primitiva, é este código, já que conota, de modo significativo, as trocas possíveis entre o indivíduo ou um grupo do social determinado e a natureza (...)”.

Zilberman e Barthes mostram-nos que o que reside no significado do indivíduo é a linguagem. O signo é a representação do mundo, e tendo o signo essa potência, então o Leitor cumpre a função de desvendar esse mundo oculto e ao mesmo tempo tão evidente.

Dizer que o Leitor se depara com o *mundo* na leitura, isso prova mais uma vez o vínculo íntimo e umbilical com a linguagem. Porém, essa interação entre texto e Leitor só ocorre a partir do momento em que o Leitor encontra no texto uma *representação*.

A representação se dá na medida em que o texto é projetado pelo escritor que, em sua projeção, seleciona o tipo de Leitor alvo, que terá a função de preencher lacunas, dando vida ao mundo formulado por ele.

Deste modo, o texto nunca é completo e acabado porque está sempre sujeito às violações, por exigir o preenchimento de vazios e pela participação simultânea do Leitor. Portanto, podemos concluir que antes de todos os elementos da narrativa existe o Leitor que é de grande importância, e ele está em constante movimento atualizando e interagindo com o texto. Conservar na Literatura o papel do Leitor é dar sentido a ela, é mostrar que o indivíduo tem autonomia de ser e enxergar as várias maneiras que se compõe o universo representado na obra.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.

ISER, Wolfgang. **“A interação entre texto e leitor” a literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VIEIRA, Telma Maria. **“O Leitor-Modelo-Clarice” Clarice Lispector: uma leitura instigante**. São Paulo: 2ª Ed. Annablume, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **“História social da Leitura” Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **“Leitura e Literatura” Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

---

**A autora é graduada em Letras (Unicastelo), pós-graduada em Literatura Moderna e Contemporânea, foi aluna especial da USP em Literatura Portuguesa e é Pedagoga.**